



Artigo

[Cadernos] PPG-AU
FAUFBA

Bloco 2

Corpos, gêneros, sexualidades e cidades: perspectivas
interseccionais e experiências metodológicas

A Formação em Arquitetura na UFBA em Perspectiva Feminina (1960-1969)

José Carlos Huapaya Espinoza

Universidade Federal da Bahia

A Formação em Arquitetura na UFBA em Perspectiva Feminina (1960-1969)

Resumo:

O texto é a transcrição da fala do autor na Mesa "A Arquitetura, o urbanismo e a cidade lidos pelo corpo sexuado" do Colóquio Cidades Sexuadas. José Carlos Huapaya Espinoza apresenta a pesquisa histórica que vem desenvolvendo na FAUFBA a partir das trajetórias das arquitetas formadas na instituição entre 1960 e 1969. Por meio de levantamentos em arquivos institucionais e acervos pessoais, a pesquisa vem demonstrando a importante contribuição dessas profissionais para a historiografia baiana, diante de desafios como a discriminação no ensino, as poucas referências femininas e a concentração da atuação feminina no planejamento urbano público.

Palavras-chave: Arquitetas; Gênero; Historiografia; UFBA.

La Formación en Arquitectura en la UFBA desde una Perspectiva Femenina (1960-1969)

Resumen:

El texto es una transcripción de la intervención del autor en el panel "Arquitectura, urbanismo y la ciudad desde la perspectiva del cuerpo sexuado" del Coloquio Cidades Sexuadas. José Carlos Huapaya Espinoza presenta la investigación histórica que viene desarrollando en la FAUFBA, basada en las trayectorias de las arquitectas egresadas de la institución entre 1960 y 1969. Mediante el análisis de archivos institucionales y colecciones personales, la investigación ha demostrado la importante contribución de estas profesionales a la historiografía bahiana, frente a desafíos como la discriminación en la educación, la escasez de referencias femeninas y la concentración de la actividad femenina en el urbanismo público.

Palabras clave: Arquitectas; Género; Historiografía; UFBA.

Architecture Education at UFBA from a Female Perspective (1960-1969)

Abstract:

The text is a transcription of the author's statement in the panel "Architecture, urbanism and the city as interpreted by the sexualized body" of the Colóquio Cidades Sexuadas. José Carlos Huapaya Espinoza presents the historical research that we see developing at FAUFBA based on the careers of architects trained in the institution between 1960 and 1969. Through surveys in institutional archives and personal collections, the research shows important contribution of these professionals in historiography of Bahia, in the face of challenges such as discrimination in gender, few female references and the concentration of female activity in public urban planning.

Keywords: Female architects; Gender; Historiography; UFBA.

A pesquisa “Cadê as arquitetas baianas?” surge em 2017 motivada, por um lado, pelas minhas inquietações como professor de história e teoria da arquitetura e do urbanismo da Faculdade de Arquitetura da Universidade Federal da Bahia (FAUFBA) e, por outro, pelo desejo de trazer à luz a ampla contribuição das arquitetas formadas na faculdade para o próprio campo, pois, de fato, pouco se conhece da história dessas profissionais, salvo casos pontuais. Queria também inverter a lógica das apresentações, iniciando pelos agradecimentos finais. Em especial, gostaria de agradecer às 26 arquitetas formadas entre 1960 e 1986 que participaram desta pesquisa, cujos nomes são apresentados aqui; provavelmente, algumas delas já são conhecidas por vocês. Elas foram fundamentais não só para entendermos a nossa questão de pesquisa, mas também para apontar e evidenciar fios condutores que nos ajudam a tecer e a costurar uma história do curso da FAUFBA em perspectiva feminina. Esse trabalho também não teria sido possível sem a participação das treze pesquisadoras e pesquisadores da graduação e pós-graduação que vêm se envolvendo com a pesquisa desde 2017; meu agradecimento, portanto, a todas essas pessoas. Nesse sentido, embora eu esteja apresentando agora, tudo aquilo que vou mostrar hoje é o resultado de discussões, reflexões e “quase brigas” coletivas ao longo desses cinco anos de pesquisa.

Um dos desafios nesta apresentação era justamente como organizar e apresentar os resultados parciais desse período. A opção foi selecionar alguns temas bastante recorrentes, baseados não só nos levantamentos e dados empíricos, mas, fundamentalmente, nas entrevistas realizadas. Isso quer dizer que, de um conjunto muito mais amplo, foram selecionados seis fios condutores que tentam contemplar, neste momento da pesquisa, as percepções, divisões e experiências das arquitetas entrevistadas em seus processos de formação entre 1960 e 1969 - este foi o nosso recorte para a apresentação de hoje. Esses dados foram compatibilizados e cruzados com informações e documentos levantados na FAUFBA, na Escola de Belas Artes e no Instituto de Arquitetos do Brasil - Departamento da Bahia.

Um tema interessante ao iniciarmos a pesquisa foi repensar a formação das arquitetas a partir do processo do vestibular. Era muito interessante perguntar a elas - e elas contavam um pouco - sobre quantas colegas tinham, quantas candidatas e candidatos faziam o vestibular e quantas dessas pessoas passavam. Segundo dados da FAUFBA, nesse recorte específico da década de 1960, formaram-se 65 arquitetas (Figura 1). Esse número, comparado aos 232 arquitetos formados no mesmo período, trouxe à tona a discussão sobre o processo seletivo e também sobre o apoio familiar. Grande parte das arquitetas relatou que os pais foram talvez os principais apoiadores para que elas estudassem arquitetura.

Figura 1. Registros da cerimônia de formatura. Fonte: Acervo pessoal da arq. Maria do Socorro Amorim Fialho (196-).



Outra questão importante é que, embora a proporção de 65 arquitetas para 232 homens corresponda a 22% — um número que parece razoável -, ele é também um tanto enganoso. Nos últimos anos da década de 1960, permitiu-se um maior ingresso de estudantes devido ao aumento do número de vagas, o que, conseqüentemente, levou a um aumento no número de mulheres que entraram no curso. Mas, se voltarmos um pouco mais no tempo, veremos que, de fato, eram poucas arquitetas formadas por turma e, às vezes, inclusive, nenhuma.

O segundo fio condutor, o cotidiano, levantou questionamentos em relação a prováveis discriminações sofridas no processo de formação. Foi interessante perceber que praticamente todas afirmaram não ter sentido discriminação por parte dos colegas de turma, mas sim por parte de professores. Isso foi quase um consenso, embora muitas não quisessem tocar muito nessa questão. De fato, algumas diziam inicialmente que nunca tinha acontecido nada, mas depois lembravam de algum caso, pessoal ou de terceiros, que talvez no momento não parecesse tão evidente.

Outra questão importante sobre o cotidiano a partir dessa visão feminina é a participação delas em todo o processo de mudança de localização do curso (fig. 2). O curso teve início em Belas Artes, no Centro Histórico de Salvador, depois passou para o Corredor da Vitória e, posteriormente, para o bairro da Federação. Elas participaram de forma atuante em todo esse processo. Inclusive, muitas participaram do projeto inicial da faculdade nos barracões provisórios da Federação e, depois, no detalhamento do projeto de Diógenes Rebouças para a FAUFBA. Falamos, então, sobre a invisibilidade delas, pois normalmente se diz que o projeto foi de Diógenes Rebouças, quando não foi só dele, mas sim um trabalho coletivo.

Figura 2. Registros do cotidiano da Faculdade de Arquitetura da UFBA. Fonte: Acervo pessoal da arq. Ana Maria Vasconcellos Fontenelle (1966).



Havia também a percepção de ser um curso masculino, pois praticamente todos os professores eram homens, especialmente os de ateliê. De certa forma, isso trazia uma dificuldade de identificação com arquitetas mulheres. Muitas também falavam de como o curso se constituiu como um curso de elite; somente poucas arquitetas com maior possibilidade econômica podiam acessá-lo. Muitas relataram sentir-se controladas pelos pais, pois precisavam virar a noite na faculdade para as disciplinas de ateliê, e os pais iam verificar se elas estavam de fato lá. Assim, muitas sentiam a faculdade como uma extensão da casa, sem perceber muita diferença nesse aspecto.

Embora relatassem uma boa interação com os colegas no cotidiano, algumas apontaram dificuldades relacionadas ao pequeno número de estudantes mulheres (fig. 3). Cerca de três arquitetas, que foram as únicas formadas em suas turmas, disseram que às vezes sentiam a necessidade de ter outras colegas para compartilhar experiências. Como o curso era praticamente integral e depois elas estagiavam, havia pouca interação entre alunas de outras turmas, tornando a situação daquelas que eram únicas bastante complicada.

Figura 3. Registro de algumas estudantes do curso de arquitetura da UFBA. Fonte: Acervo pessoal da arq. Esmeralda Rodrigues Cavalcante (1968).



O terceiro fio condutor foram as viagens de estudos, um tema muito interessante descoberto ao longo da pesquisa (Figura 4). Quase todas lembravam, sem exceção, das viagens que faziam não só pela Bahia e pelo Brasil, mas inclusive para fora, no ônibus apelidado de "Gertrudes". Elas contavam que era um ônibus precário, mas que permitiu

que conhecessem a cidade e lhes deu uma sensação de maior liberdade. Eram momentos em que conseguiam se libertar da família e da faculdade. Esse período, no final da década de 1960, coincide com uma série de liberdades que elas começam a sentir: liberdade do ponto de vista sexual, o uso da minissaia (e o que significava ir de minissaia para a FAUFBA) e a pílula anticoncepcional, trazendo essa ideia de maior autonomia.

Figura 4. Imagem do ônibus para viagens conhecido como “Gertrudes”.
Fonte: Acervo pessoal da arq. Isaura Maria Carvalho de Andrade (196-).



No entanto, isso aponta para um tema delicado: a questão de quem podia viajar. Não eram todas as estudantes que tinham essa possibilidade por causa de restrições econômicas. A partir da visão delas, não havia diferença de convívio ou de tratamento entre as turmas, mas, quando se tratava de questões econômicas, essa realidade vinha à tona, pois havia estudantes que conseguiam pagar, por exemplo, um curso de inglês ou viajar, e outras que não (Figura 5).

O outro eixo da pesquisa é o ensino de ateliê na faculdade e o que significava ter somente professores homens. Segundo elas, não havia discriminação inicialmente, mas os relatos mostravam o contrário. Uma das arquitetas, por exemplo, contou que, ao apresentar seu projeto final, o professor avaliador perguntou se ela realmente o tinha feito. Ela confirmou que sim e perguntou qual a razão da dúvida. Ele respondeu que achava que ela não o tinha feito porque estava muito bem feito. Ela não percebeu o problema no momento e não o questionou, mas contou que, anos depois, já formada, reencontrou o professor e lembrou a ele o episódio; ele disse que se lembrava e refez a pergunta, insistindo na dúvida se ela realmente tinha feito o projeto. São questões que ainda permanecem (Figuras 6 e 7).

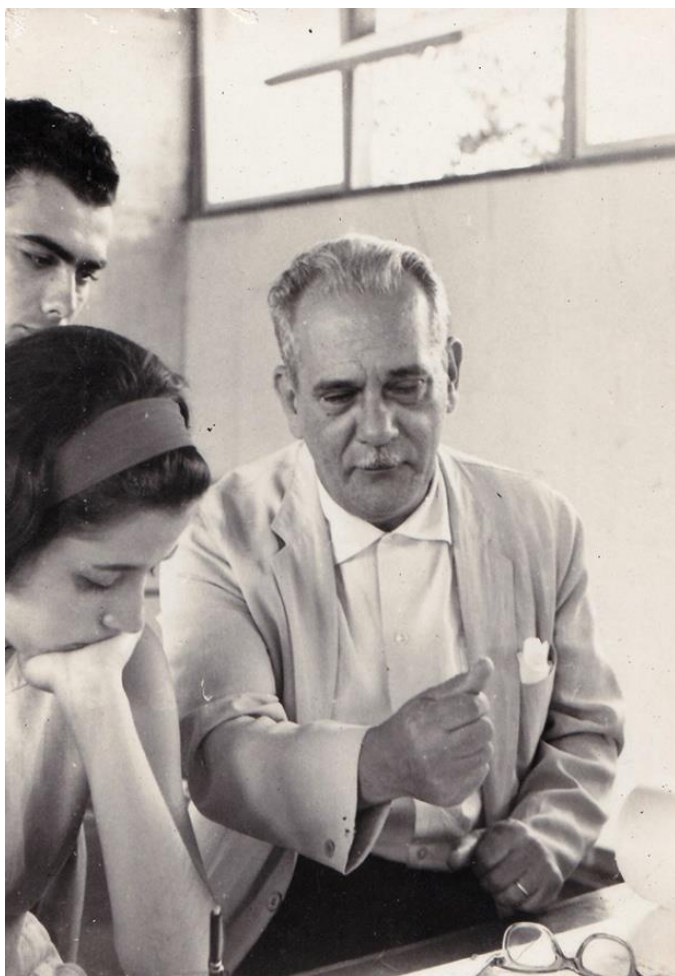
Figura 5. Registros de viagem de estudo realizadas para Brasília. Fonte: Acervo pessoal da arq. Margarida Cunha de Miranda Motta (196-).



Figura 6. Registros das estudantes na biblioteca da Faculdade de Arquitetura da UFBA. Fonte: Acervo pessoal das arq. Anete Regis Castro (196-)



Figura 7. Registros do cotidiano junto aos professores Faculdade de Arquitetura da UFBA. Fonte: Acervo pessoal da arq. Ana Maria Vasconcellos Fontenelle (196-).



Houve uma história que uma arquiteta nos contou e que nos deixou muito emocionados, refletindo uma questão atual: será que os professores conhecem as realidades sociocultural e econômica dos alunos no ateliê? Essa arquiteta vinha do interior e morava em uma casa alugada de dois cômodos não só com os pais e quatro irmãos, mas também com tios, avó e primos. Tinham que se dividir: dormia-se na sala, na cozinha, e os quartos estavam cheios de camas. No primeiro ano de ateliê, o professor mandou projetar um quarto de dormir. Ela se inspirou no seu cotidiano: um quarto com várias camas e sem armários. O professor questionou como era possível desenhar um quarto com tantas camas e tão pouco espaço. Ela explicou que aquela era a sua realidade. Ela questionava, então, a pouca sensibilidade dos professores para entender que a realidade dos alunos era diferenciada.

É interessante também notar que muitas questionavam que o curso, por ser de elite, desenvolvia-se a partir de temas para um setor específico da sociedade baiana; nor-

malmente se discutia e projetava a cidade “formal”, e não a “informal”. Muitas chamaram a atenção para o fato de que, ao terminarem o curso e irem trabalhar, enfrentaram uma realidade completamente diferente daquela ensinada na faculdade.

Outra questão importante era a falta de referências femininas. Quando perguntávamos se, durante o curso, tinham ouvido falar ou conhecido alguma arquiteta, praticamente todas citavam apenas Lina Bo Bardi; nenhuma mencionava as formadas na Bahia. Às vezes o nome da arquiteta baiana Arilda Cardoso era mencionado, mas de forma pontual.

Em relação à atuação profissional - talvez o momento mais delicado dessa formação -, muitas acabaram não atuando no campo devido a dificuldades de acesso e discriminação. A primeira arquiteta formada na faculdade, Lycia Conceição Alves (em 1936), só conseguiu trabalhar na área na década de 1960, ou seja, quase 30 anos depois, e via concurso público. Poucas foram as que de fato trabalharam com arquitetura e urbanismo, e grande parte disso estava relacionada ao casamento com engenheiros, médicos ou arquitetos, o que ajudava a mantê-las no campo. Fora dessas lógicas, foram raros os casos de atuação em projeto arquitetônico.

Voltando à questão do urbanismo, é interessante perceber que a maioria das entrevistadas (cerca de 90%) acabou atuando não como projetistas, mas como urbanistas. Grande parte do trabalho, vinculado à prefeitura ou ao governo do estado, ocupava o espaço que elas tinham para atuar. Nesses espaços, acabavam elaborando uma quantidade enorme de planos urbanos. Como mencionei, poucas atuaram com arquitetura propriamente dita (projeto), e muitas estagiaram ou trabalharam com arquitetos reconhecidos, seja com Diógenes Rebouças ou com o próprio Assis Reis.

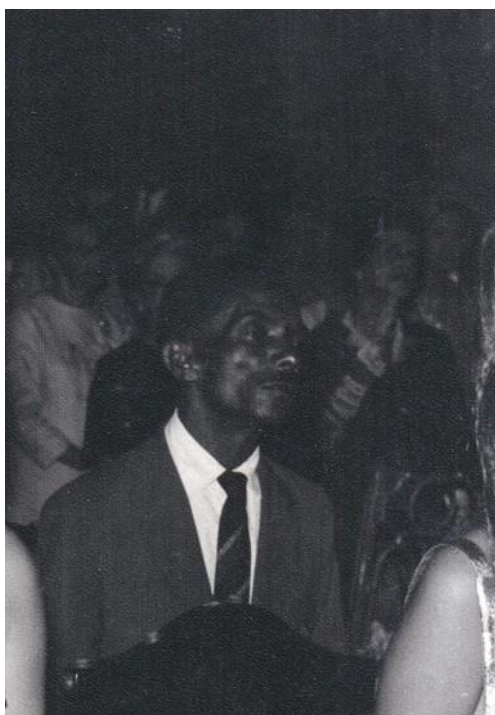
No setor público, havia uma diferenciação entre os trabalhos técnicos que elas faziam e os projetos arquitetônicos feitos pelos homens. Elas acabavam propondo parcerias entre si como forma de se manterem no campo do projeto arquitetônico.

Queria falar também sobre a ideia da “visibilidade do invisível”, um tema que surgiu paralelamente na pesquisa. Alguns personagens foram surgindo na memória coletiva das arquitetas. Trouxe para vocês dois exemplos: a arquiteta Vilma de Lima Campos (fig. 8), formada em 1956 (a quinta formada) e primeira professora mulher do curso, lecionando Geometria Descritiva entre 1958 e 1983 - 25 anos de docência. O nome dela aparecia frequentemente; Vilma ainda é viva e talvez seja uma das arquitetas mais antigas do curso em Salvador, embora com problemas de saúde. O outro caso curioso é o do “Formiga”, motorista do ônibus Gertrudes (fig. 9). Quase todas lembravam desse personagem, contando histórias das viagens e do convívio com ele.

Figura 8. Fotografia da arquiteta e professora Vilma de Lima Campos. Fonte: Acervo pessoal de Vilma de Lima Campos (196-).



Figura 9. Fotografia do motorista da "Gertrudes", conhecido como "Formiga". Fonte: Acervo pessoal da arq. Núbia Nunes Sarmento (196-).



Para finalizar, algumas considerações gerais que ainda estamos refletindo. Primeiro, a pesquisa trouxe à luz um total de 73 arquitetas formadas entre 1936 e 1969. Foi possível, cruzando informações, rastrear trajetórias desde o vestibular, passando pela graduação e pela colação de grau, até a atuação profissional. Era engraçado que, ao entrevistá-las, já sabíamos muito sobre a história delas pela documentação. Outra reflexão importante é que, embora o final da década de 1960 tenha possibilitado o acesso a mais mulheres, na prática, como já foi dito, poucas conseguiram atuar no campo.

As arquitetas que “optaram” por trabalhar profissionalmente tiveram de abrir mão de questões como a maternidade. Muitas diziam que era difícil trabalhar e ter filhos. Quando isso aconteceu, foi porque os companheiros também eram da área ou porque a família tinha um padrão de vida que permitia pagar uma babá, o que não era a realidade de todas.

Outro aspecto que veio à tona foi a importância de entender Salvador e a própria UFBA como ímãs para estudantes de outros estados. Quando começamos a pesquisa sobre arquitetas baianas, entendemos, na verdade, que não eram apenas baianas, mas também arquitetas do Rio de Janeiro, Brasília, Sergipe e Pará, que passavam pela faculdade, faziam mobilidade ou, às vezes, concluíam o curso em Salvador. Assim, a Bahia - e especificamente Salvador - configurava-se como um polo de atração de várias cidades do entorno.

As arquitetas acabaram atuando, como mencionado anteriormente, no setor público, trabalhando especificamente com planos urbanos, habilitação urbana ou temas vinculados ao planejamento urbano de forma mais ampla. Por outro lado, esses eram assuntos praticamente não discutidos no curso de arquitetura da FAUFBA. Elas relataram que o Urbanismo, ou a atuação na área, aprenderam na prática; de fato, não tiveram, pelo menos até a década de 1960, nenhuma disciplina específica de urbanismo ou história do urbanismo.

A aproximação com as arquitetas também traz uma óptica distinta sobre os desafios de estudar arquitetura em Salvador, que, curiosamente, não são tão diferentes hoje. Inclusive, apesar do percentual entre homens e mulheres ter se invertido, muitas das questões apontadas pelas arquitetas, ainda que referentes a 1960, permanecem atuais. A formação em arquitetura vem mostrando, felizmente, nesses últimos anos — referindo-me à FAUFBA —, uma mudança significativa em relação aos conteúdos e reflexões atuais. É justamente neste espaço que temos a oportunidade de discutir gênero e sexualidade.

Recebido em: 09/01/2025

Aceito em: 30/05/2025

DOI: 10.9771/ppgaufaufba.v15i0.74464

Como citar: HUAPAYA-ESPINOZA, José Carlos. A formação em arquitetura na UFBA em perspectiva feminina (1960-1969). **Cadernos PPG-AU/FAUFBA**, v. 15, n. 1, p. 93-105, 2026.



FAUFBA



PPG-AU
FAUFBA

NAPPE

NÚCLEO DE APOIO À PESQUISA
E PRODUÇÃO EDITORIAL